

ARTIGOS

MIGUEL: IDENTIDADE E FUNÇÃO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA BÍBLICA

Luan Henrique Gomes Ribeiro

Discentes da Faculdade Adventista de Teologia
do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)
Apresentada em forma de monografia em novembro de 2009
luan.ribeiro@uol.com.br

Este estudo é uma pequena proposta para identificarmos quem, dentro do contexto das Escrituras, é o arcanjo Miguel e quais seriam as suas principais funções. Os escritos a respeito do arcanjo Miguel remontam pelo menos até o 3º século a.C. Visto que em toda a história houve diferentes opiniões sobre o assunto, este trabalho apresenta não somente uma análise histórica, mas também um estudo exegetico em todas as passagens bíblicas onde a figura de Miguel aparece. O método utilizado é o gramático-histórico, de modo que é dada uma ênfase no aspecto gramático-teológico das passagens

Palavras chave: Arcanjo, Miguel, Anjo do Senhor, Príncipe, Céu.

MICHAEL: IDENTITY AND FUNCTION FROM A BIBLICAL PERSPECTIVE

This research is a brief attempt of identification, within the context of the Scriptures, of the archangel Michael and his main functions. The writings on the archangel Michael go back as far as the Third Century B.C. In view that, throughout history, there has always been different opinions about this subject, the present study will not only present a historical analysis of the subject, but it will also engage into an exegetic study of all the biblical texts where the figure of Michael appears. I will use a grammatical-historical approach, emphasizing the theological-grammatical aspect of these passages.

Keywords: Archangel, Michael, Angel of the Lord, Prince, Heaven.



É comum nas comunidades religiosas onde se tem por deus um único ser (religiões monoteístas) a crença de que existem seres celestiais que interferem na vida das pessoas, ajudando-as, se fizerem parte do grupo pertencente a Deus, ou levando-as à desgraça, caso sejam seres em inimizade contra Deus. Estes seres são chamados de anjos (Gr: *αγγελος*¹, Hb: *מַלְאָכִים*²).

A Bíblia apresenta seres celestes com várias características, atuando em diferentes situações (Gn. 22:11, 12; Js. 5:14, 15³), obedecendo a uma aparente hierarquia (2Sam. 22:11; Sal. 18:10; Ez. 9:3; Ez. 10:2, 4, 7, 9, 14; Ez. 28:14, 16; Ez 41:18; Is 6.24), sendo descritos como inferiores a Deus e não podendo receber adoração (Cl. 1:16; Ap. 22:8-9).

Dentro desta hierarquia a Bíblia apresenta um personagem identificado como Miguel (Dn. 10:13, 21; 12:1; Ap 12:7) ou Arcanjo Miguel (Jd 9)⁵. Como podemos interpretar a figura de Miguel nestes cinco versos? Seria Miguel divino ou apenas um poderoso anjo?

O objetivo deste trabalho é esclarecer a identidade do Arcanjo Miguel e apontar quais seriam as suas funções dentro do contexto bíblico. Para isso, será apresentada uma análise dos textos e contextos envolvidos. Certamente deve ser frisado que este trabalho não tem a pretensão de ser a resposta final na dúvida de ser ou não Miguel e Jesus a mesma pessoa, porém outra pesquisa em busca de maior elucidação sobre o problema.

Metodologia

O método usado ao longo do trabalho será o gramático-histórico, porém a maior ênfase será dada no contexto gramático-teológico das passagens.

No primeiro capítulo, será feita uma análise sobre as diferentes interpretações a respeito de Miguel ao longo da história. No segundo, serão analisadas as diferentes

¹ Carlo Rusconi, *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, (São Paulo: Paulus, 2005), 17.

² Nelson Kirst, Nelson Kilpp, Milton Schwantes, Acir Raymann, Rudi Zimmer, *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*, (São Paulo: Sinodal, Vozes, 2008).

³ Existem exatamente cem versículos com a expressão “Anjo do Senhor”, sendo que cada grupo de textos representa uma situação diferente.

⁴ *Concordancia de las Sagradas Escrituras : Revision de 1960 de la version Reina-Valera*. 2000, c1964 (electronic ed.). Nashville: Editorial Caribe.



características de Miguel no texto bíblico. No terceiro, verificaremos os diferentes tipos de paralelos presentes no livro de Daniel. Por fim, serão analisadas as passagens de Judas e Apocalipse, identificando através de seus diferentes contextos quem poderia ser Miguel. Ainda neste mesmo capítulo será feita uma análise léxico-sintática do termo “arcanjo”.

A Figura de Miguel no Decorrer Da História

Na Tradição Judaica

Embora a ideologia popular judaica moderna sustente que os anjos são uma invenção cristã refletindo uma quebra do monoteísmo puro, realmente o Tanakh fala deles, muitas vezes, e o judaísmo pós-Tanakh desenvolveu uma intrincada angelologia⁶, fazendo uma diferenciação entre grupos e categorias de anjos (Enoque 61:10; 2 Enoque 19:1-5), criando uma hierarquia no mundo angélico.⁷

Miguel é geralmente associado no início da tradição judaica com um grupo restrito de seres celestiais chamados “anjos da presença”. Em alguns textos, estes anjos são identificados como um grupo de quatro arcanjos (1 Enoque 9:1; 40:9; 54:6; 71:8, 9, 13; Ap. Moisés. 40:3) e em outros lugares são descritos como sete arcanjos (Tob. 12:15; 1 Enoque 20:1-7)⁸. No Papiro de Gizeh apenas seis nomes são mencionados, sendo que no final do papiro grego sobrevivente a lista termina com uma referência aos nomes de sete arcanjos (Gr: αρχαγγελοι). Os nomes desses "anjos que vigiam" são: Uriel, Rafael, Raguiel, Miguel, Sariel, Gabriel e Remiel.⁹ Nestes textos, Miguel é identificado como sendo um anjo poderoso, recebendo a função de levar as orações dos justos até o trono de Deus.

⁵ A versão bíblica utilizada neste trabalho será a *Bíblia de estudo Almeida*, versão revista e atualizada, 2ª ed. (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999). Quando for usada outra versão está será identificada.

⁶ D. H. Stern, *Jewish New Testament commentary : A companion volume to the Jewish New Testament* (Jd 9) (Clarksville, Md.: Jewish New Testament Publications, 1992).

⁷ K. Toorn & B. Becking & P. W. Horst, *Dictionary of deities and demons in the Bible DDD* (2nd extensively rev. ed.), (Leiden; Boston; Grand Rapids, Mich.: Brill; Eerdmans, 1999), 82.

⁸ D. E. Aune, *Vol. 52B: Word Biblical Commentary: Revelation 6-16*. (Dallas: Word, Incorporated, 2002), 691.

⁹ Idem, 82.



Miguel também é identificado na literatura judaica com a figura de Metraton que é referido como o “Príncipe do Semblante”. Seu nome é uma combinação de duas palavras gregas, meta e thronos (μεταθρονιος), no sentido de “aquele que serve por trás do trono”.¹⁰

No ocultismo (cabalística judaica), Miguel é ainda mais exaltado. Ele novamente é associado ou mesmo identificado com o anjo Metatron, que por várias vezes é confundido com o próprio Messias,¹¹ ou até mesmo com a *Shekinah*.¹² Neste contexto, é dado a Miguel o papel de resgatar a alma dos justos, se tornando, portanto, a personificação da graça.¹³

Nos Pais da Igreja

Em toda a patrística encontramos apenas uma referência ao arcanjo Miguel, a saber, em “O Pastor” de Hermas. Esta obra foi concebida a partir do livro do Apocalipse e foi escrita em 150 d.C pelo próprio Hermas.¹⁴

No livro “Similitude” (Sim. Hermas 8.3.3) é descrito uma visão a respeito de uma árvore que é podada pelo Anjo do Senhor. Uma vez que Hermas não entende a visão, o “pastor” lhe explica: “Esta árvore grande que lança sua sombra sobre as planícies, e montanhas, e toda a terra, é a lei de Deus que foi dada ao mundo inteiro, e esta lei é o Filho de Deus, proclamada até os confins da terra, e as pessoas que estão sob sua sombra são os que ouviram o anúncio, e creram nEle. E o grande e glorioso anjo Miguel é ele que tem autoridade sobre este povo, para governá-los pois é ele quem deu a lei no coração dos crentes”.¹⁵

¹⁰ Gershom Scholem, “Metraton”, *Enciclopédia Judaica* (Rio de Janeiro: Sefer, 1990), 9: 341.

¹¹ D. H. Stern, *Jewish New Testament commentary : A companion volume to the Jewish New Testament* (Ap 12:7).

¹² J. A. Montgomery, *A critical and exegetical commentary on the book of Daniel* (New York: Charles Scribner's Sons, 1927), 419.

¹³ D. H. Stern, *Jewish New Testament commentary: A companion volume to the Jewish New Testament*, (Jd 9).

¹⁴ Earlie E. Cairns, *O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2008), 65.

¹⁵ A. Roberts & J. Donaldson & A. C. Coxe, *The Ante-Nicene Fathers Vol. II : Translations of the writings of the Fathers down to A.D. 325*. Fathers of the second century: Hermas, Tatian, Athenagoras, Theophilus, and Clement of Alexandria (Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997), 40.



O contexto da visão ilumina o texto, pois é dito que o Anjo do Senhor (identificado como Miguel, e o Filho de Deus) poda a árvore, que é a Lei, e que as pessoas recebem do Anjo esta lei, sendo ele próprio aquele que a grava no coração dos crentes.

Na Tradição Protestante

Podemos encontrar pelo menos três claras referências dos reformadores a respeito da identidade do arcanjo Miguel.

Martinho Lutero num sermão sobre Jo. 3:16 diz que: Ele [Jesus] é Deus em pessoa, mas Ele também realiza o trabalho de Deus: Ele salva aqueles que crêem nEle. Em lugar algum, conta-se que a fé em qualquer anjo, seja Gabriel ou Miguel, ou João Batista ou a Virgem Maria, vai tornar uma pessoa um filho de Deus. Apenas do Filho que se diz que Ele salva da morte e dá a vida eterna. Assim, Cristo está estabelecido na Divindade, não só de acordo com a Sua pessoa e majestade, mas também de acordo com a Sua obra.¹⁶ Confirmando a divindade de Jesus, Lutero apresenta Miguel como um ser distinto, que não possuía de dons salvíficos.

Contrariando a idéia de Lutero, João Calvino comentando Dt. 34:1-8 diz que foi o próprio Jesus que contendeu com o diabo.¹⁷ Ele ainda afirma: “Alguns pensam que a palavra Miguel representa Cristo, e eu não vejo motivo para discordar deste parecer. Com suficiente clareza, se todos os anjos vigiam os fiéis e os eleitos, ainda mantêm a Cristo em primeiro lugar entre eles, porque ele é a cabeça, e usa o seu ministério e assistência para defender todo o seu povo... mas esta conclusão não é geralmente aceita”¹⁸

Participando da mesma linha de raciocínio de Calvino, Matthew Henry também diz sobre Dt. 34:1-8: “Miguel, que é Cristo, aboliu as ordenanças mosaicas, pregando-as na cruz”¹⁹. E ele completa: “Naquele tempo Miguel deve ficar de pé para o trabalho de nossa

¹⁶ Abreviada e editada por Stephen Rost, *Heritage of great evangelical teaching: Featuring the best of Martin Luther, John Wesley, Dwight L. Moody, C.H. Spurgeon and others*. (Nashville: Thomas Nelson, 1997).

¹⁷ J. Calvin, *Calvin's Commentaries: electronic ed.* (Dt. 34:6). (Garland, TX: Galaxie Software, 2000).

¹⁸ J. Calvin, *Calvin's Commentaries: electronic ed.* (Dn 12:1).

¹⁹ M. Henry, *Matthew Henry's commentary on the whole Bible: Complete and unabridged in one volume* (Dt. 34:5) (Peabody: Hendrickson, 1996).



salvação eterna, ou seja, o Filho de Deus encarnado deve ser manifestado para destruir as obras do diabo.²⁰

Na Teologia Moderna

A grande maioria dos teólogos modernos acredita que Miguel não passa de um poderoso anjo, chefe das hostes celestiais: D. E. Aune²¹, G. W. Bromiley²², K. Toorn, B. Becking, P. W. Horst²³, R. J. Bauckham²⁴. Outro ponto de vista seria que ele é uma invenção do folclore judaico: J. S. Lang²⁵, J. A. Montgomery²⁶, Geqorg Fohrer²⁷.

Basicamente, existem apenas dois movimentos religiosos da atualidade que identificam Miguel com Cristo, os Adventistas do Sétimo Dia e os Testemunhas de Jeová. Estes últimos têm debatido amplamente sobre o assunto, afirmando que Miguel e Cristo são a mesma pessoa²⁸, com o objetivo de comprovar a sua denominacional teologia ariana.

Os Adventistas do Sétimo Dia, refutam por completo a idéia de que Cristo seja um ser criado, mas concordam que Miguel é mais um nome de Jesus²⁹. Apesar disso, afirmam que “como povo, não temos considerado a identificação de Miguel de relevância suficiente para insistirmos nela extensamente, quer em nossa literatura quer em nossa pregação”.³⁰

²⁰ M. Henry, *Matthew Henry's commentary on the whole Bible: Complete and unabridged in one volume* (Dn. 12:1).

²¹ D. E. Aune, *Vol. 52B: Word Biblical Commentary: Revelation 6-16* (Dallas: Word, Incorporated, 2002), 691.

²² G. W. Bromiley, *The International Standard Bible Encyclopedia, Revised* (Wm. B.: Eerdmans, 2002), 3:347-348.

²³ K. Toorn, B. Becking, & P. W. Horst, *Dictionary of deities and demons in the Bible DDD*, 82.

²⁴ R. J. Bauckham, *Vol. 50: Word Biblical Commentary: 2 Peter, Jude* (Dallas: Word, Incorporated, 2002), 59.

²⁵ J. S. Lang, *1,001 things you always wanted to know about angels, demons, and the afterlife* (Nashville: Thomas Nelson, 2000).

²⁶ J. A. Montgomery, *A critical and exegetical commentary on the book of Daniel* (New York: Charles Scribner's Sons, 1927), 419.

²⁷ Georg Fohrer, *História da Religião de Israel* (São Paulo: Academia Cristã e Paulus), 485.

²⁸ The Watchtower Reprints, November 11, 1879, 48.

²⁹ F. D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Volume 7*. (Hagesrtown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2002), 809.

³⁰ *Questões Sobre Doutrina* (Tatuí, SP: Casa, 2009), 87



Conclusão Parcial

Ao analisarmos as diferentes interpretações sobre a figura de Miguel ao longo da história, se faz notório que, em suma, existem duas interpretações dominantes: (1) que Miguel é um poderoso anjo e (2) que Miguel não é outro se não Cristo.

Na maioria dos escritos judaicos, Miguel aparece como um anjo chefe, porém ele também é identificado com Metraton, um anjo poderoso que por vezes é confundido com o Messias.

Na patrística, temos apenas o texto de Hermas que afirma ser Miguel o Filho de Deus. Também na época dos reformadores, J. Calvino e M. Henry afirmavam que Miguel era Cristo, ao contrário de Lutero, que refutava esta idéia.

Na teologia moderna, a linha de interpretação que diz que Miguel é apenas mais um anjo se tornou a dominante, restando quase que somente os Testemunhas de Jeová e os Adventistas do Sétimo Dia, que parcialmente compartilham a sua fé em Miguel.

As Características do Arcanjo Miguel

Como foi discutido no capítulo anterior, muito se tem dito sobre a identidade de Miguel, sendo que basicamente se tem duas correntes de pensamento: Miguel como Cristo ou Miguel como um preeminente anjo. Neste capítulo, serão analisadas as evidências bíblicas que apontam para a correta interpretação.

Características Bíblicas

O nome Miguel (מִיְכָאֵל) significa “Quem é como Deus?”³¹. Como uma pergunta, é entendida como sendo retórica, o que implica a resposta "ninguém é como Deus". Ele aparece três vezes no Antigo Testamento (Dn. 10:13, 21; 12:1) e duas vezes no Novo Testamento (Jd. 9; Ap. 12:7).

Em Dn. 10:13, Miguel é apresentado como “um dos primeiros príncipes”, um ser poderoso que vem batalhar em favor do povo de Deus e também dos anjos (o anjo que,

³¹Smith, S., & Cornwall, J. *The exhaustive dictionary of Bible names* (North Brunswick, NJ: Bridge-Logos, 1998), 174.



neste caso, pede a ajuda de Miguel provavelmente é Gabriel, que durante todo o livro acompanha o profeta Daniel). Neste verso, Miguel batalha contra o “Príncipe da Pérsia”. Este “Príncipe da Pérsia” pode ser facilmente identificado como um anjo, que, por batalhar contra um representante divino, só pode ser identificado como de procedência maligna.³² O conflito angelical só chegou ao seu termino quando Miguel veio batalhar por seu povo.

Acompanhando o tema do conflito cósmico travado entre os representantes de cada nação, Gabriel informa a Daniel que, na verdade, ele teria de lutar novamente contra o “Príncipe da Pérsia” e, depois deste, ainda viria o “Príncipe da Grécia” (Dn. 10:20, 21). Miguel é identificado pelo anjo Gabriel como sendo o único ao seu lado na luta contra os anjos inimigos. É notório também perceber que, igual as demais nações, Israel também tem o seu representante, Miguel.³³

Através das palavras de Gabriel, o autor (identificado como o próprio Daniel³⁴) deixa transparecer a idéia de que, por si só, Miguel é suficiente para defender o seu povo, pois se assim não fosse, ele não teria ganhado a batalha, sendo necessária a intervenção de outro ser.

No fim da visão dada ao profeta Daniel, Miguel é identificado como o “Grande Príncipe, o defensor dos filhos do teu povo”. Note a progressão feita no livro de Daniel a respeito da figura de Miguel: Dn. 10:13 diz que ele é “um dos primeiros príncipes”, Dn. 10:21 o apresenta como “o vosso [único] príncipe” e Dn. 12:1 o intitula como “o Grande Príncipe”. Neste verso, Miguel “se levanta” num “tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo”, e é nesse contexto sombrio que ele consegue a salvação do seu povo.

Depois destas três referencias do livro de Daniel, o personagem Miguel volta a aparecer no Novo Testamento, em Jd. 9. Neste verso, é identificado como sendo o Arcanjo Miguel (a discussão sobre o termo arcanjo será apresentada no decorrer do estudo, num momento mais propício). Novamente, ele é apresentado numa batalha, desta vez o inimigo

³² G. W. Bromiley, *The International Standard Bible Encyclopedia, Revised*, 3:347-348.

³³ Georg Fohrer, *História da Religião de Israel*, 485.

³⁴ Peter-Contesse, R., & Ellington, J. *A handbook on the Book of Daniel*. UBS handbook series. (New York: United Bible Societies, 1993).



é claramente identificado como o diabo. Nesta história, Miguel foi o defensor de Moisés, servo de Deus em uma disputa legal com o seu acusador.³⁵

A última referência a Miguel ocorre no capítulo 12 de Apocalipse. Neste texto, é descrita uma batalha que ocorreu no céu. Neste conflito “Miguel e seus anjos batalharam contra o Dragão. Também pelejaram o Dragão e seus anjos” (Ap. 12:7). Miguel é apresentado explicitamente como sendo o comandante das hostes celestes numa luta direta contra Satanás e seus anjos, que, ao final do conflito, foram novamente derrotados e desta vez atirados para a terra.

Conclusão Parcial

Podemos ver através de uma leitura superficial algumas características marcantes do Arcanjo Miguel.

O arcanjo Miguel é apresentado principalmente nas literaturas apocalípticas, sendo que estas tratam principalmente de questões escatológicas e por consequência também de questões soterológicas.

Ele é apresentado explicitamente em batalhas em quatro dos cinco versos (Dn. 10:13; 10:21; Jd. 9; Ap. 12:7) onde é mencionado, sendo que em todas elas o confronto ocorre numa esfera celeste entre anjos que se colocam ao lado de Miguel ou de seu inimigo, o qual é identificado como Diabo, Dragão e Satanás em Apocalipse e Judas, mas que em Daniel é chamado de Príncipe da Pérsia e Príncipe da Grécia.

Em todas as batalhas travadas, Miguel aparece como vencedor, ou seja, quatro dos cinco versos onde é apresentado (10:13; 12:1; Jd. 9; Ap. 12:7).

A Figura de Miguel no Livro de Daniel.

Como já visto, a maior parte das referências ao Arcanjo Miguel se encontra no livro do profeta Daniel, ou seja, é nesse livro que recebemos uma maior revelação sobre este personagem. Neste tópico, o estudo se concentrará no contexto gramático-teológico em que a figura de Miguel está inserida dentro do livro de Daniel.

³⁵ R. J. Bauckham, Vol. 50: *Word Biblical Commentary: 2 Peter, Jude. Word Biblical Commentary*, 59.



Paralelismos

O paralelismo é a forma mais comum de um escritor bíblico transmitir o conteúdo proposto de forma poética. Pode-se dizer que “paralelismo” é a prática de contrabalançar um pensamento ou frase por outro que contenha uma correspondência de idéias.³⁶

No livro de Daniel, nós podemos encontrar vários tipos de paralelismo, em palavras, em idéias e até mesmo na estrutura do texto. Se fizéssemos uma análise lingüística do texto, nós chegaríamos à seguinte estrutura:

A – Texto em hebraico (1:1-2:4a)

B – Texto em aramaico (2:4b-7:28)

A – Texto em hebraico (8:1-12:13)

Caso seja feita uma análise literária, a estrutura do texto seria algo simples:

A – Texto histórico (1-6)

B – Texto profético (7-12)³⁷

Apesar das diferentes formas de se dividir o texto, será dedicada maior atenção na estrutura baseada nas diferentes idéias do livro. A estrutura proposta está retratada abaixo:

X – Dn. 1 – Introdução geral ao livro.

A – Dn. 2 – História do mundo: O sonho de Nabucodonosor.

B – Dn. 3 – Perseguição aos fiéis: Os três amigos de Daniel e a prova de fidelidade a Deus

C – Dn. 4 – Juízo de Deus sobre o rei Nabucodonosor.

C’ – Dn. 5 – Juízo de Deus sobre o rei Belsazar.

B’ – Dn. 6 – Perseguição aos fiéis: Daniel e a prova de fidelidade a Deus.

A’ – Dn. 7 – História do mundo: Primeira visão de Daniel (os quatro animais, o chifre pequeno, o juízo divino e o reino do Filho do Homem).

B’’ – Dn. 8 – Visão do conflito e do juízo.

a – Conflito entre Pérsia e Grécia (v. 1-8)

b – Roma implícita (v. 9)

³⁶ Gleason L. Archer, *Merece Confiança o Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2008), 383.

³⁷ F. D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Volume 4*. (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2002), 753.



c – O poder usurpador (v. 10-13, 23-25)

d – Tempo do fim (v. 14, 26)

e – Advento: “mas será quebrado sem o auxílio de mãos humanas”
(v. 25b)

C’’ – Dn. 9.

a – Compreensão de uma profecia (v. 1-2)

b – Jejum e oração (v. 3-19)

c – Resposta divina (v. 20-27)

C’’’ – Dn. 10.

a – Compreensão de uma profecia (v. 1)

b – Jejum e oração (v. 2-3)

c – Resposta divina (v. 4-21)

B’’’ – Dn. 11 – Visão do conflito e do juízo.

a – Conflito entre Pérsia e Grécia (v. 1-4a)

b – Roma implícita (v. 4b)

c – O poder usurpador (v. 5-39)

d – Tempo do fim (v. 40-45a)

e – Advento: “mas chegará o seu fim, e não haverá ninguém que o socorra” (v. 45b)

A’’ – O fim da história humana.

a – Miguel se manifesta

b – Ressurreição e vida eterna

c – Últimas palavras sobre o tempo do fim³⁸

Mesmo através de uma leitura superficial é fácil perceber que existe um tema que se repete ao longo do livro, o desenvolvimento da história (A, A’, A’’). Este tema se inicia no capítulo 2, quando Nabucodonosor tem um sonho, é repetido e ampliado no capítulo 7, com a primeira visão de Daniel, e novamente o tema da história do mundo é repetido e ampliado

³⁸ Jacques B. Doukhan, *Secretos de Daniel: Sabiduría Y Sueños de um Príncipe Hebreo en el Exilio* (Buenos Aires: Casa Sudamericana, 2007).



no final da última visão de Daniel. Logo, uma das características básicas do conteúdo profético do livro de Daniel é a “repetição para ampliação”.³⁹

Reduziremos, portanto, o foco do estudo para os capítulos 2, 7 e 12, identificando os possíveis paralelos e argumentando sobre como estes podem nos ajudar no processo para esclarecer a identidade de Miguel.

O capítulo 2 de Daniel começa com a informação de que o então rei da Babilônia, Nabucodonosor, teve um sonho, e que num desejo de saber o conteúdo do seu sonho e a sua interpretação convoca “os magos, os encantadores, os feiticeiros e os caldeus” (Dn. 2:1-2). Todos estes não conseguem declarar ao rei nem o sonho nem a interpretação, fazendo com que o rei ordenasse “a morte de todos os sábios da Babilônia” (Dn 2:12).

Daniel e seus três companheiros, Hananias, Misael e Azarias, se colocaram a orar pedindo que Deus lhes revelasse o sonho do rei. Deus, ouvindo a oração dos jovens hebreus, revelou a Daniel o sonho e sua interpretação.

Nabucodonosor havia sonhado com uma grande estátua que “possuía a cabeça de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris de bronze, as pernas de ferro e os pés, em parte de ferro, em parte de barro” (Dn. 2:32).

Na seqüência do relato, Daniel revela ao rei que ele também havia visto uma pedra ser lançada em direção à estátua, atingindo-a nos pés de barro e ferro e destruindo não somente eles, mas também todos os membros descritos anteriormente. Esta pedra, após ter destruído a estátua, se transformou numa grande montanha que encheu toda a terra (Dn. 2:34-35).

Daniel fez saber ao rei ainda que ele próprio (Babilônia) era a cabeça de ouro, e que os demais metais representavam reinos que haveriam de substituí-lo no domínio mundial⁴⁰, sendo que nos últimos dias (pés de barro e ferro) Deus suscitaria um reino que não seria jamais destruído, antes destruiria a todos os reinos anteriores, da mesma forma como a pedra havia feito com os metais.

³⁹ Alberto R. Timm, *Sinais dos Tempos*, (Tatuí, Sp: Casa, agosto de 1998), 29.

⁴⁰ Para obter mais informações sobre a discussão dos reinos subsequentes ler: Joyce G. Baldwin, *Daniel, Introdução e Comentário. Série Cultural Bíblica*. (São Paulo: Vida Nova, 2008); C. Mervyn Maxuell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel*. (Tatuí, Sp: Casa, 2009).



Semelhante a esta visão do rei Nabucodonosor, Daniel, cerca de 50 anos depois⁴¹, teve um sonho, e neste ele viu quatro grandes animais que subiam do mar (Dn. 7:2-3). O primeiro era semelhante a um leão, diferente pelo fato de possuir asas como de uma águia. Enquanto Daniel olhava, as asas do leão foram arrancadas e este foi posto de pé, e foi dado a ele mente humana.

A visão deste animal é uma narrativa em símbolos da experiência de Nabucodonosor descrita no capítulo 4 onde ele, depois de ter tido um sonho, foi avisado que iria se tornar um animal caso não pusesse um fim em seus pecados e em suas iniquidades. O relato diz que “todas estas coisas sobrevieram ao rei Nabucodonosor” (Dn. 4:28). Este, porém, do mesmo modo como fora dada capacidade ao leão de andar sobre duas pernas e de ter uma mente de homem, se recuperou de seu antigo estado e passou novamente a conviver com os homens.⁴² O leão com asas do capítulo 7 representava o reino da Babilônia na pessoa do rei Nabucodonosor, da mesma forma como a cabeça de ouro do capítulo 2 (v. 37-39).

O segundo animal era semelhante a um urso, o qual tinha um de seus lados maior que o outro. Este carregava entre seus dentes três costelas (Dn 7:5). O terceiro era como um leopardo, só que, diferente de todos os outros, este possuía quatro asas de águia e também quatro cabeças (Dn. 7:6).

O quarto animal foi descrito como “terrível, espantoso e sobremodo forte”. Seus dentes eram de ferro, ou seja, o mesmo metal descrito como compo as pernas da estátua de Nabucodonosor, que semelhante ao “animal espantoso” também era o quarto da lista (Dn. 2:33).

É importante notar a semelhança na descrição do reino representado pelas pernas de ferro do capítulo 2 e o “animal espantoso” do capítulo 7. Semelhante ao ferro, aquele reino seria forte, “quebrando, despedaçando e esmiuçando a tudo” que encontrasse. Da mesma forma, o reino representado pelo animal do capítulo 7 “devoraria, faria em pedaços e pisaria a tudo que sobejasse”.⁴³

⁴¹ Samuel J. Shultz, *A História de Israel no Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2009), 426-432.

⁴² J. E. Goldingay. *Vol. 30: Word Biblical Commentary: Daniel*. (Word Biblical Commentary. Dallas: Word, Incorporated, 2002), 162.

⁴³ J. H. Charlesworth, *Vol. 2: The Old Testament Pseudepigrapha* (Garden City, NY/London: Doubleday/DLT), 1983-1985.



Tendo em vista que a cabeça de ouro da estátua representa o mesmo reino que o leão com asas de águia e que as pernas de ferro são também o “animal espantoso”, se torna uma questão de lógica afirmar que os peitos de prata são também o urso com as três costelas na boca e que os quadris de bronze representam o mesmo reino que o leopardo de quatro cabeças e quatro asas de águia. Lembrando sempre que, como já foi dito, a visão do capítulo 7 não só repete a do capítulo 2, mas também a amplia.

Tem sido sugerido também que os dez chifres vistos por Daniel na cabeça do “animal espantoso” fariam um paralelo com os dez dedos da estátua, sendo que cada um desses seria um diferente rei (Dn. 7:24).⁴⁴

O paralelo, porém, que é mais relevante para a nossa discussão está relacionado com a figura do Ancião de Dias, um dos títulos dados a Deus, que só aparece neste trecho da Bíblia. Ele é descrito como num trono, e rodeado deles, deixando implícito o fato de que está prestes a julgar. Este julgamento se confirma no v. 10 quando é dito que “assentou-se o tribunal, e se abriram os livros.”

Neste contexto de julgamento é que se chega ao Ancião de Dias alguém chamado de “Filho de Homem”, a quem é dado o “domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem” (Dn. 7:14). E da mesma forma como é dito sobre a pedra do capítulo 2 que “o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído” e que “este reino não passará a outro povo”, é dito sobre o reino do Filho do Homem que “o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído”. Com isso, chegamos à conclusão de que a “pedra” que atinge a estátua é também o Filho do Homem.⁴⁵

O capítulo 12 de Daniel começa com a declaração de que “Nesse tempo [do fim] se levantará Miguel”. Ao contrário dos outros dois capítulos estudados, este não descreve o decorrer da história humana, antes inicia o seu relato já nos últimos dias desta história. É dito também que Miguel se levantará num “tempo de angústia, qual nunca houve”, e as pessoas que neste tempo seriam salvas teriam a vida eterna (Dn. 12:1-2).

⁴⁴ G. Kittel and G. Friedrich (eds.), *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament* (Stuttgart: Kohlhammer, 1933- 1978 = *Theological Dictionary of the New Testament*, tr. G. W. Bromiley [Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976]).

⁴⁵ J. E. Goldingay, *Word Biblical Commentary: Daniel*, 168.



Faz-se notório que um “reino que jamais seria destruído” haveria de ser suscitado quando a “pedra” atingisse a estatua, que o Filho do Homem seria rei num “domínio eterno”, e que pessoas viveriam eternamente quando Miguel se levantasse. Só se resta afirmar que a “pedra”, o Filho do Homem e Miguel são descrições de um mesmo ser.

A Identidade do Filho do Homem

O capítulo 7 de Daniel descreve o Ancião de Dias, facilmente identificado como Deus, como tendo “sua veste branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente.” (v. 9).

Não é a primeira vez que um ser divino é visto e descrito desta forma. Ezequiel em sua primeira visão descreve o Onipotente dizendo que “havia algo semelhante a um trono; sobre esta espécie de trono, estava sentada uma figura semelhante a um homem. Vi-a [figura semelhante a um homem] como metal brilhante, como fogo ao redor dela, desde os seus lombos e daí para cima, e desde os seus lombos e daí para baixo, vi-a como fogo e um resplendor ao redor dela.” (Ez. 1:26-27). O profeta termina dizendo que “esta era a aparência da glória do SENHOR (YHWH)”.

O Filho do Homem descrito em Daniel e Ezequiel é um ser divino tanto quanto o Ancião de Dias, pois possuem as mesmas características. Tendo isto em mente, podemos analisar a declaração de João em Apocalipse ao descrever a Jesus.⁴⁶ Ele escreve que viu

um semelhante a filho de homem, vestido de uma roupa talar, e cingido à altura do peito com um cinto de ouro; e a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve; e os seus olhos como chama de fogo; e os seus pés, semelhantes ao bronze polido que fora refinado numa fornalha; e a sua voz como a voz de muitas águas...e seu rosto brilhava como o sol na sua força. (Ap. 1:13-16)

O Filho do Homem descrito em Ezequiel e em Daniel é identificado por João como sendo Jesus. O mesmo Jesus que representa a pedra que atinge a estátua do sonho de Nabucodonosor, que é também Miguel, aquele que um dia se levantará para ressuscitar os mortos e dar ao seu povo a vida eterna.

⁴⁶ M. Casey, *Son of Man*. (London: SPCK, 1979), 144-145.



A Figura do Príncipe

Como já visto, Miguel é identificado como “um dos primeiros príncipes”, “o vosso [único] príncipe”, e “o grande príncipe” (Dn. 10:13, 21; 12:1). A palavra hebraica para príncipe é רִשָׁא ⁴⁷, e pode significar também alguém que é representante do rei, soberano, líder ou comandante.⁴⁸

Ainda no livro de Daniel, ela é utilizada em outras situações. No capítulo 8, Daniel descreve uma de suas visões, e nesta é visto um bode com quatro chifres, sendo que de um desses chifres surge outro chifre, só que pequeno. É dito que este chifre pequeno “cresceu até atingir o exército dos céus” (v. 10), e que “engrandeceu-se até ao príncipe do exército [dos céus]” (v. 11). A partir do v. 21, estes chifres são identificados como reis, sendo que o rei representado pelo chifre pequeno se levantaria contra o “Príncipe dos príncipes”, ou seja, contra o próprio Deus.

Em Dn. 9, o anjo Gabriel, falando sobre as setenta semanas, diz que “desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe” (v. 25) deveriam ser contadas sessenta e nove semanas. A palavra para Ungido é מָשִׁיחַ (māšiyah)⁴⁹, palavra que é utilizada para o Messias, aquele que seria o libertador de Israel, cuja tradução no grego é Χριστός ⁵⁰, título que na Bíblia é dado a Jesus.

Sendo que o mesmo anjo que chama o “Ungido” de Príncipe é também aquele que chama Miguel de “o Grande Príncipe”, é incoerente dentro do contexto das Escrituras, afirmar que este é maior do que aquele, porém é lógica a afirmação de que ambos sejam a mesma pessoa.⁵¹

⁴⁷ W. Baker. *The complete word study dictionary: Old Testament* (Chattanooga, TN: AMG Publishers, 2003), 1196.

⁴⁸ Nelson Kirst, Nelson Kilpp, Milton Schwantes, Acir Raymann, Rudi Zimmer, *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*, 239.

⁴⁹ Benjamin Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon* (Peabody, MA: Hendrikson, 2007), 520.

⁵⁰ A. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Louisville, Ky: Logos, 2006), 1289.

⁵¹ W. M. Nelson, J. R. Mayo, *Nuevo Diccionario Ilustrado de la Biblia* (Nashville: Editorial Caribe, 2000), 704.



Conclusão Parcial

Tendo em vista a estrutura em forma de paralelo que o livro de Daniel possui, é possível afirmar que (1) a pedra que atinge a estátua do sonho de Nabucodonosor corresponde ao Filho do Homem, o qual, por sua vez, também é Miguel; (2) o Filho do Homem é identificado como um ser divino, identificado no Novo Testamento como sendo Jesus; e que (3) o título dado ao Ungido (Cristo ou Messias) é também dado a Miguel, então se pode concluir que ele não pode ser um simples anjo, mas o próprio Jesus.

A Figura de Miguel nos Livros de Judas e Apocalipse

Visto que a conclusão do capítulo anterior é que Miguel não pode ser um anjo comum por ter características divinas, e que através das evidências citadas tudo leva a crer que ele seja o próprio Jesus, este capítulo terá a função de analisar as citações dos livros de Judas e Apocalipse, a fim de confirmar ou não a conclusão anterior.

Miguel no Livro de Judas

O texto que menciona Miguel, aqui chamado de arcanjo, se encontra no v. 9, e diz assim: “Mas quando o arcanjo Miguel, contendia com o Diabo, disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou [no sentido de condenar a Satanás⁵²] pronunciar contra ele juízo de infamatório, mas disse: O Senhor te repreenda.”

Este verso está inserido num contexto de repreensão contra os homens que, causando confusão espiritual e depravação moral, arrastavam pessoas aos ensinamentos e práticas dos falsos profetas.

Judas apóia suas idéias com figuras e representações do Antigo Testamento. Começa descrevendo a incredulidade dos egípcios e a sua destruição (v. 5), se refere aos anjos que não guardaram seu estado original e que estão esperando a condenação no Juízo do Grande Dia (v. 6), e utiliza as cidades de Sodoma e Gomorra como exemplos de punição por terem se entregado à prostituição (v. 7). De forma semelhante, os homens contra quem ele escreve

⁵² R. J. Bauckham, *Vol. 50: Word Biblical Commentary: 2 Peter, Jude*, 47.



são chamados de ímpios que transformaram em libertinagem a graça do Soberano Deus e do Senhor Jesus Cristo (v.4) e que rejeitam governo e autoridades superiores (v. 8).

Em contraste com estas figuras se encontra o arcanjo Miguel, que na disputa pelo corpo de Moisés, ao invés de condená-lo preferiu deixar que Deus o fizesse.⁵³ Num comportamento contrário ao do arcanjo, aqueles homens “a tudo quanto não entendem, difamam” (v. 10). Com respeito a estes Judas diz: “Ai deles! porque foram pelo caminho de Caim, e por amor do lucro se atiraram ao erro de Balaão, e pereceram na rebelião de Coré.” (v. 11).

Não há dúvida de que Miguel poderia condenar o diabo. O ponto é que, Miguel, que foi o advogado e não o juiz, não rejeitou a acusação do diabo como calúnia maliciosa, ao contrário, ele apelou para o julgamento do Senhor.⁵⁴

Apesar de ser uma citação livre e secundária no decurso da interpretação⁵⁵, o v. 9 de Judas pode nos esclarecer um pouco mais sobre a figura de Miguel. Para tanto, será feita uma análise léxico-sintática da palavra arcanjo e um paralelo de idéias da expressão “o Senhor te repreenda”.

Ἀρχαγγελος

A palavra grega αρχαγγελος aparece apenas duas vezes no texto bíblico, em Jd. 9 e em 1 Ts 4:16⁵⁶. Esta palavra é composta de duas partes αρχ e αγγελος, sendo que, ao contrário de sua raiz principal (αγγελος), existem pelo menos três possibilidades para o prefixo: ἀρχή, ἄρχων e ἀρχι⁵⁷.

A palavra αγγελος certamente deriva do verbo αγγελω, que é utilizado no sentido de referir, anunciar, contar⁵⁸. O substantivo se refere a um mensageiro, embaixador, anunciador, alguém que é enviado por Deus a alguém⁵⁹.

⁵³ M.P. Horgan, *Pesharim: Qumran Interpretations of Biblical Books, Catholic Bible Quarterly - Monograph Series 8* (Washington, D.C.: Catholic Biblical Association of America, 1979), 79.

⁵⁴ R. J. Bauckham, *Vol. 50: Word Biblical Commentary: 2 Peter, Jude*, 60.

⁵⁵ *Idem*, 44.

⁵⁶ James Richard Denham, *Vol. 1: Concordância Fiel do Novo Testamento* (São José dos Campos, SP: Fiel, 1994), 91.

⁵⁷ *Questões Sobre Doutrina*, 90.

⁵⁸ Carlo Rusconi, *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, 17.

⁵⁹ *Ibid.*



A palavra ἀρχή aparece 55 vezes no texto bíblico, sendo traduzida por princípio, início, inicialmente (Mt. 19:4, 8; 24:8, 21; Jo. 1:1, 2; Hb. 1:10; 2:3; Ap. 21:6; 22:13), príncipe, governadores, jurisdição (Lc 12:11; 20:20; Tt 3:1), sendo utilizada tanto para anjos quanto para demônios, assim como para Jesus (Jo1:1,2; Cl 1:18; Hb. 1:10; 1 Jo 1:13, 14, Ap. 21: 6; 22:13)⁶⁰.

A palavra ἄρχων aparece 37 vezes no Novo Testamento⁶¹, sendo geralmente traduzido por chefe, maioral, governador, magistrado, autoridade, príncipe ou soberano (Mt. 9:18, 23, 34; Jo. 3:1; 7:26, 48; Rm. 13:3; Ap. 1:5). Este termo aparece relacionado a Cristo apenas uma vez no Novo Testamento (Ap. 1:5), sendo também utilizado na Septuaginta para descrever a Cristo como príncipe (Is. 55:4) e como condutor de Israel (Mq. 5:2)⁶².

Por fim, a palavra ἀρχι é, na verdade, um prefixo inseparável que diante de uma vogal assume a forma ἀρχ. De uma forma ou de outra, este prefixo se refere ao verbo ἀρχω e pode ser traduzido por começar, chefear, governar, senhorear, estar à frente ou dominar⁶³. Esta palavra aparece apenas duas vezes no Novo Testamento, em Mc. 10:42 quando Jesus está se referindo aos governadores deste mundo e em Rm. 15:12, onde é dito a respeito de Jesus que ele é a “raiz de Jessé, aquele que se levanta para governar os gentios”⁶⁴.

Tendo em vista a breve análise feita, pode-se afirmar que um arcanjo é um anjo governante, o “cabeça” dos anjos⁶⁵, aquele que comanda outros anjos ou um anjo principal, um anjo chefe.⁶⁶

Jesus é apresentado com essas características. É dito que ele é “superior aos anjos” e que possui “mais excelente nome do que eles” (Hb. 1:4), acima do nome de qualquer anjo no Céu (Ef. 1:20-21). Os anjos lhe estão sujeitos (1 Pe 3:22), encurvam-se diante dele (Fp 2:10) e o adoram (Hb 1:6). Mesmo sendo identificado como um anjo, Cristo não perde a

⁶⁰ James Richard Denham, *Vol. 1: Concordância Fiel do Novo Testamento*, 91.

⁶¹ Idem, 94.

⁶² *Questões Sobre Doutrina*, 90.

⁶³ Carlo Rusconi, *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, 80.

⁶⁴ James Richard Denham, *Vol. 1: Concordância Fiel do Novo Testamento*, 93.

⁶⁵ J. S. Lang, *1,001 things you always wanted to know about angels, demons, and the afterlife*.

⁶⁶ J. P. Louw, E. A. Nida, *Vol. 1: Greek-English lexicon of the New Testament : Based on semantic domains, electronic ed. of the 2nd edition* (New York: United Bible societies, 1996), 144.



sua divindade, pois mesmo tendo assumido uma natureza muito pior que a dos anjos quando esteve aqui na Terra ele continuou sendo Deus (Jo. 1:1, 14; 1 Tm. 4:10)⁶⁷.

“Que o Senhor te Repreenda”

Estas palavras freqüentemente têm um sentido mais forte do que “repreensão”. A palavra ἐπιτιμῶν, como a tradução do נָגַל, carrega a conotação de um conflito com os hostis poderes divinos, cujo resultado é a emissão de uma poderosa palavra, fazendo com que as forças demoníacas sejam colocadas sob controle⁶⁸. Nos livros apócrifos, estas palavras são utilizadas num contexto de subjugação escatológica de Deus para com seus inimigos (2 Apoc. Barra. 21:23, Asc. Isa. 4:18). Nos evangelhos, a palavra ἐπιτιμῶν é utilizada por Jesus em exorcismos, curas e admoestações (Mt. 8: 26; 17:18; Mc. 1:25; 3:12; 9:25; Lc. 9:21, 42, 55)⁶⁹.

No livro do profeta Zacarias, existe uma construção frasal semelhante aquela encontrada em Judas. Descrevendo sua quarta visão, Zacarias menciona que Deus lhe mostrara “o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor. Mas o Anjo do Senhor⁷⁰ disse a Satanás: Que o Senhor te repreenda, ó Satanás” (Zc. 3:1-2).

A figura do Anjo do Senhor é bem conhecida em toda a Bíblia. Certamente este ser chamado de Anjo possui uma grande autoridade, pois da mesma forma que Miguel ele apela para o julgamento divino, a fim de que Satanás seja punido.

É interessante notar o fato de que o Anjo do Senhor em muitas passagens é identificado com o próprio Senhor. Em Gn. 16, conta-se o episódio quando Agar foi humilhada por Sarai, esposa de Abrão. O v.7 diz que tendo fugido da presença de Sarai, o Anjo do Senhor a encontrou e lhe prometeu que o filho ao qual daria à luz seria o pai de uma longa descendência. Grata pela promessa feita, Agar invocou o nome do Senhor

⁶⁷ *Questões Sobre Doutrina*, 87, 88, 90.

⁶⁸ H. C. Kee, *The Terminology of Mark's Exorcism Stories*. (New Testament Studies, 1968), 238.

⁶⁹ James Richard Denham, *Vol. 1: Concordância Fiel do Novo Testamento*, 300.

⁷⁰ *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, (Zc 3:2). (Stuttgart: German Bible Society, Westminster Seminary, 1996), 1925. Diz SENHOR (YHWH) ao invés de anjo do SENHOR.



dizendo: “Tu és Deus que vê” (v.13). Porém, este mesmo Anjo do Senhor se refere a outro Senhor (YHWY) (v. 11).

Quando Abraão estava prestes a sacrificar seu filho, eis que “do céu bradou o Anjo do Senhor: Abraão, Abraão!” (Gn. 22:11). Um pouco mais a frente no relato, o mesmo Anjo do Senhor se autodenomina SENHOR jurando por si mesmo que abençoaria a Abraão e multiplicaria a sua descendência (v. 17-17).

Em Jz. 6:11-24, o Anjo do Senhor aparece a Gideão debaixo do carvalho de Ofra e lhe abençoa dizendo: “O SENHOR é contigo homem valente”. Depois da lamentosa resposta de Gideão, o texto diz que “o SENHOR se virou para ele e disse: Vai nesta tua força e livra Israel da mão dos midianitas”.

Atos 7:30-33 relembra a memorável cena de quando Moisés se deparou com uma sarça que, mesmo pegando fogo, não se consumia. No v. 30, o autor diz que um anjo estava entre as chamas, enquanto no v. 32 o SENHOR disse a Moisés: “Eu sou o Deus dos teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”. Em Ex. 3:1-6, é descrita a mesma cena, sendo que o anjo é chamado de Anjo do SENHOR. Novamente, é possível notar o Anjo do Senhor assumindo prerrogativas divinas.

Em todos estes exemplos, o Anjo do Senhor é identificado agindo como o próprio Deus, fazendo com que seja possível que Miguel e o Anjo do SENHOR sejam a mesma pessoa, ou mais seguramente que os dois tenham a mesma natureza divina, assim como Jesus é Deus.

Miguel no Livro de Apocalipse

O capítulo 12 do referido livro descreve a perseguição do dragão, identificado no v. 9 como sendo Satanás, à mulher descrita como “vestida de sol e tendo a lua debaixo dos pés”. Esta narrativa vai desde o v. 1-6 e do v. 13-17, sendo que numa abrupta interrupção se encontra a descrição de uma batalha celestial onde Miguel batalha contra o dragão⁷¹. Este “parênteses” na narrativa tem por objetivo explicar o porquê de o dragão ter sido atirado para a terra.

⁷¹ D. E. Aune, *Vol. 52B: Word Biblical Commentary: Revelation 6-16*. (Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 2002), 691.



O início deste comentário explicativo descrito por João se inicia no v. 7 e diz que “houve peleja no céu”. Antes de se prosseguir na análise do texto, deve-se verificar se este “céu” é um lugar físico, lugar da habitação de Deus, ou se este termo é utilizado como que num plano espiritual.

Analisando a expressão “céu” nos escritos joaninos, pode-se chegar à conclusão de que este céu (οὐρανός)⁷² não representa simplesmente um lugar físico, geográfico. João, em seu evangelho (3:13), retrata a Cristo dizendo que “ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem”. Este versículo, ao contrário do que possa parecer em uma primeira leitura, não fala sobre a ascensão de Jesus ao céu, pois isso ainda não havia ocorrido.

Na conversa com Nicodemos, Jesus não se referia a sua futura subida ao céu, mas a sua missão de revelar Deus ao mundo através de si, missão esta que foi cumprida em seu ministério terrestre.

Cristo pode falar das “coisas celestiais” (Jo 3:12) porque sabia como estas coisas eram e as tinha visto (v. 11). Ele é o único que “subiu ao céu”, isto é, que penetrou o conhecimento destas coisas, e que “desceu do céu”, isto é, que entrou em comunhão conosco pela encarnação, para nos trazer o conhecimento destas coisas.⁷³

Neste céu, âmbito espiritual, “Miguel e seus anjos pelejaram contra o dragão”. O dragão é identificado no v. 9 como “a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o acusador de todo o mundo”. Como resultado desta batalha o dragão foi atirado para a terra, juntamente com os seus anjos.

Ao ser expulso o dragão, ouviu-se no céu uma voz que anunciou quatro fatos decorrentes desta vitória: “veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo” (v. 9a). Deve-se frisar, com fins didáticos, que estes quatro fatos só foram possíveis porque “foi expulso o acusador de nossos irmãos” (v. 9b), sendo que o acusador foi expulso por Miguel (v. 1). Conceitos tão vitais na teologia bíblico-cristã como salvação e a própria autoridade de Cristo só foram possíveis graças à vitória de Miguel.

⁷² G. Kittel, G. W. Bromiley & G. Friedrich, *Vols. 5-9: Theological dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1976), 5:514.

⁷³ José Carlos Ramos, *Programa de Curso para Daniel e Apocalipse* (Engenheiro Coelho, SP: Faculdade Adventista de Teologia, 2003), 167.



O v. 11 diz que aqueles que eram acusados pelo diabo “o venceram por causa do sangue de Cristo”. O mesmo Miguel que vence Satanás e o expulsa do céu é também o Cordeiro, que através da sua própria vitória também concede vitória a todos aqueles que estavam sendo acusados pelo Diabo.⁷⁴

A batalha vencida por Miguel, cujo resultado foi a expulsão do dragão, foi travada na cruz do calvário. O próprio Jesus se referiu a este evento quando falou sobre a sua morte: “chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso” (Jo. 12:31).

Conclusão Parcial

Através da análise do contexto em que a passagem de Jd. 9 está inserida é possível determinar que a referência feita a Miguel serve para ilustrar uma atitude contrária a dos falsos mestres inseridos em meio àqueles que originalmente receberam a carta. Pode-se concluir também que o título dado a Miguel, arcanjo, é provavelmente um dos títulos dados a Cristo, assim como Anjo do Senhor, identificado como tendo predicativas divinas em várias passagens tanto do Antigo quanto do Novo Testamento (Gn. 16; 22; Jz. 6:11-24; Ex. 3:1-6; Atos 7:30-33).

Semelhante afirmação também pode ser aplicada a Ap. 12:7-12. Através de uma atenta leitura destes versos, tendo em mente conceitos próprios da literatura joanina, chega-se à conclusão de que Miguel não é outro senão Cristo, que, com sua morte na cruz, venceu o dragão e o lançou por terra.

Conclusão

Vimos que, mesmo antes da nossa era, a discussão sobre quem seria o arcanjo Miguel já existia. Na literatura judaica é possível identificar duas interpretações: Miguel é um dos quatro ou sete arcanjos que ministram sobre a terra, ou ele é Metraton, um ser com prerrogativas divinas que por vezes é confundido com o Messias. Este debate sobre a figura de Miguel se arrastou através da reforma até chegar a nós, sendo que hoje a maioria dos intérpretes bíblicos nega que Miguel e Cristo sejam a mesma pessoa, restando apenas os

⁷⁴ F. D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Volume 7, 809.



Adventistas do Sétimo Dia no grupo dos que associam Miguel à pessoa de Jesus, crendo que este possui uma natureza divina, assim como Calvino, M. Henry e Hermas pensavam.

Estabelecida a necessidade de um estudo nesta área, analisamos o arcanjo Miguel ao longo da Bíblia e chegamos a cinco conclusões sobre a identidade de Miguel: (1) através do paralelismo do livro de Daniel vê-se que Miguel e o Filho do Homem são a mesma pessoa, sendo que este último é identificado em Ezequiel tendo ações divinas e no Apocalipse como sendo o próprio Jesus; (2) da mesma forma que Gabriel chama Miguel de “príncipe”, ele o faz com o Ungido (Hb: māšiyah), tornando-os um mesmo ser; (3) por agirem da mesma forma, Miguel e o Anjo do Senhor possivelmente sejam a mesma pessoa, sendo que o Anjo do Senhor possui características divinas; (4) o título “arcanjo” dado a Miguel possivelmente é mais uma função de Cristo, já que ele é apresentado como tendo um nome melhor do que todos os anjos, e que todos eles o adoram; (5) a vitória de Miguel sobre Satanás e seus anjos foi, na verdade, a vitória de Jesus na cruz.

Frente a todas as evidências apresentadas ao longo do trabalho e às conclusões chegadas, fica claro que Miguel não pode ser outro senão Jesus, sendo que na figura dele, Cristo assume três aparentes funções: (1) intercessor, pois ele mesmo desce para defender seu povo, sejam estes homens ou anjos (Dn. 10:13, 21; Jd. 9); (2) resgatador, sendo que num contexto escatológico é Miguel que se levanta para acabar com toda angústia e para conferir vida eterna a todos que estiverem escritos no livro; (3) salvador, pois, afinal, os “irmãos” só puderam vencer o Acusador através do sangue do Cordeiro que foi a vitória de Miguel sobre o Dragão na cruz do Calvário. Miguel é Jesus, aquele que nos protege, que nos deu a vitória e que um dia se levantará para nos conceder vida eterna ao seu lado.

Referência Bibliográfica

Archer, Gleason L. *Merece Confiança o Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2008), 383.

Aune, D. E. *Vol. 52B: Word Biblical Commentary: Revelation 6-16*. (Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 2002), 691.

Baker, W. *The complete word study dictionary: Old Testament* (Chattanooga, TN: AMG Publishers, 2003), 1196.

Baldwin, Joyce G. *Daniel, Introdução e Comentário. Serie Cultura Biblia*. (São Paulo: Vida Nova, 2008)



Bauckham, R. J. Vol. 50: *Word Biblical Commentary: 2 Peter, Jude*. *Word Biblical Commentary*. (Dallas: Word, Incorporated, 2002), 59.

Bíblia de estudo Almeida, versão revista e atualizada, 2ª ed. (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999).

Biblia Hebraica Stuttgartensia (Stuttgart: German Bible Society, Westminster Seminary, 1996), 1925.

Bromiley, G. W. *The International Standard Bible Encyclopedia, Revised* (Wm. B. Eerdmans, 2002), 3:347-348.

Cairns, Earlie E. *O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã* (São Paulo: Vida Nova, 20s08), 65.

Calvin, J. *Calvin's Commentaries: electronic ed.* (Dt. 34:6) (Garland, TX: Galaxie Software, 2000).

Casey, M. *Son of Man* (London: SPCK, 1979), 144-145

Charlesworth, J. H. Vol. 2: *The Old Testament Pseudepigrapha* (Garden City, NY/London: Doubleday/DLT), 1983-1985.

Concordancia de las Sagradas Escrituras : Revision de 1960 de la version Reina-Valera. 2000, c1964 (electronic ed.). Nashville: Editorial Caribe.

Davidson, Benjamin *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon* (Peabody, MA: Hendrikson, 2007), 520.

Denham, James Richard, Vol. 1: *Concordância Fiel do Novo Testamento* (São José dos Campos, SP: Fiel, 1994), 91.

Doukhan, Jacques B. *Secretos de Daniel: Sabiduría Y Sueños de um Príncipe Hebreo en el Exilio* (Buenos Aires: Casa Sudamericana, 2007).

Fohrer, Georg. *História da Religião de Israel*, (São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2008), 485.

Goldingay, J. E. Vol. 30: *Word Biblical Commentary: Daniel*. (*Word Biblical Commentary*. Dallas: Word, Incorporated, 2002), 162.

Henry, M. *Matthew Henry's commentary on the whole Bible: Complete and unabridged in one volume* (Dt. 34:5) (Peabody: Hendrickson, 1996).

Horgan, M. P. *Pesharim: Qumran Interpretations of Biblical Books, Catholic Bible Quarterly - Monograph Series 8* (Washington, D.C.: Catholic Biblical Association of America, 1979), 79.

Kee, H. C., *The Terminology of Mark's Exorcism Stories*. (*New Testament Studies*, 1968), 238.

Kirst, Nelson. Kilpp, Nelson. Schwantes, Milton. Raymann, Acir. Zimmer, Rudi. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*, (São Paulo: Sinodal, Vozes, 2008).

Kittel, G. & Bromiley, G. W. & Friedrich, G. Vols. 5-9: *Theological dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1976), 5:514.



Kittel, G. and Friedrich, G. (eds.), *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament* (Stuttgart: Kohlhammer, 1933- 1978 = *Theological Dictionary of the New Testament*, tr. G. W. Bromiley [Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976]).

Lang, J. S. *1,001 things you always wanted to know about angels, demons, and the afterlife* (Nashville: Thomas Nelson, 2000).

Louw, J. P. & Nida, E. A. *Vol. 1: Greek-English lexicon of the New Testament : Based on semantic domains, electronic ed. of the 2nd edition* (New York: United Bible societies, 1996), 144.

Maxwell, C. Mervyn. *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel*. (Tatuí, Sp: Casa, 2009).

Nelson, W. M. & Mayo, J. R., *Nuevo Diccionario Ilustrado de la Biblia* (Nashville: Editorial Caribe, 2000), 704.

Nichol, F. D. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Volume 4*. (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2002), 753.

Nichol, F. D. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Volume 7*. (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2002), 809.

Peter-Contesse, R., & Ellington, J. *A handbook on the Book of Daniel*. UBS handbook series. (New York: United Bible Societies, 1993).

Questões Sobre Doutrina (Tatuí, SP: Casa, 2008), 90.

Ramos, José Carlos. *Programa de Curso para Daniel e Apocalipse* (Engenheiro Coelho, SP: Faculdade Adventista de Teologia, 2003), 167.

Roberts, A. & Donaldson, J. & Coxe, A. C., *The Ante-Nicene Fathers Vol. II : Translations of the writings of the Fathers down to A.D. 325*. Fathers of the second century: Hermas, Tatian, Athenagoras, Theophilus, and Clement of Alexandria (Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997), 40.

Robertson, A. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Louisville, Ky: Logos, 2006), 1289.

Rost, Stephen (Abreviada e editada), *Heritage of great evangelical teaching: Featuring the best of Martin Luther, John Wesley, Dwight L. Moody, C.H. Spurgeon and others*. (Nashville: Thomas Nelson, 1997).

Rusconi, Carlo, *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, (São Paulo: Paulus, 2005), 17.

Scholem, Gershom, "Metatron", *Enciclopédia Judaica* (Rio de Janeiro: Sefer, 1990), 9: 341.

Shultz, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2009), 426-432.

Smith, S., & Cornwall, J. *The exhaustive dictionary of Bible names* (174). (North Brunswick, NJ: Bridge-Logos, 1998).

Stern, D. H. *Jewish New Testament commentary : A companion volume to the Jewish New Testament* (Clarksville, Md.: Jewish New Testament Publications, 1992).



The Watchtower Reprints, November 11, 1879, 48.

Timm, Alberto R. *Sinais dos Tempos*, (Tatuí, Sp: Casa, agosto de 1998), 29.

Toorn, K., Becking B., Horst, P. W. *Dictionary of deities and demons in the Bible DDD* (2nd extensively rev. ed.), (Leiden; Boston; Grand Rapids, Mich.: Brill; Eerdmans, 1999), 82.